

Astro
Fingido

Dossier
Pedagógico



Estreia

26 nov
10h30
e 21h30

Centro Cultural
de Paredes

A Feira de Gil Vicente



-
- | | |
|---|---|
| 1 | O nosso primeiro Gil Vicente
Astrofingido |
|---|---|
-
- | | |
|---|---------------------------------------|
| 2 | Nota biográfica de Gil Vicente |
|---|---------------------------------------|
-
- | | |
|---|--|
| 3 | Sinopse do Auto da Feira
Nuno Meireles |
|---|--|
-
- | | |
|---|---|
| 4 | Perguntas e respostas sobre o Auto da Feira
Nuno Meireles |
|---|---|
-
- | | |
|---|--|
| 5 | Sobre a Encenação
Fernando Moreira |
|---|--|
-
- | | |
|---|--|
| 6 | Sobre a Cenografia e os Figurinos
Manuela Bronze |
|---|--|
-
- | | |
|---|--|
| 7 | Recursos pedagógicos
a. Aulas Vicentinas
b. Propostas de trabalho antes e pós-espectáculo |
|---|--|
-

O nosso primeiro Gil Vicente

1

Pela primeira vez, no nosso percurso de 17 anos, a Astro Fingido cria um espectáculo a partir de um texto de repertório (todos os outros textos foram originais nossos ou encomendas). Tendo por objetivo desenvolver um projeto para e com as escolas, a nossa escolha foi A FEIRA de Gil Vicente (1527), peça apresentada pelo Natal, na Corte de D. João III.

Porquê?

Em tempos difíceis, sabemos que é comum as pessoas refugiarem-se na religião, na superstição e nas certezas sem fundamento que permitem algum apaziguamento.

Se o contexto histórico em que Gil Vicente escreveu A FEIRA era turbulento - a Reforma, iniciada em 1517 com a condenação de Martinho Lutero da venda de indulgências [perdão] pela Igreja Católica e a carnificina do Saque de Roma por Carlos V em maio de 1527 - , também não podemos ignorar a inconstância e os atropelos da política internacional com que temos de lidar hoje, onde grassam a guerra e a fome.

A Feira revela a consciência moral e o espírito moderno de Gil Vicente, que, com ousadia e coragem, ataca a onipotência dos representantes da Igreja (nomeadamente o Papado) que usam o seu poder para assustar e controlar o povo ignorante e crente, e enriquecer à custa do perdão comprado, para quem tinha dinheiro para o fazer, e de benefícios eclesiásticos.

A FEIRA, no séc. XVI como hoje, permite-nos discutir a tensão moral que nos invade. Se já não cremos na dualidade de mundos, terreno e divino, ou numa vertente moral maniqueísta, entre o Bem e o Mal, continuamos a conduzir a nossa vida por uma tabela valorativa que nos permita defender um mundo mais justo e solidário, enfim, mais humano.

Esta não é uma feira comum, mas sim uma Feira Moral, onde os bens materiais são substituídos por vícios e virtudes, que nos mostra diferentes conceções de vida, de acordo com o que cada um busca para si neste mercado.

O espectáculo tem início com um sermão burlesco, onde Mercúrio (conhecido como o deus mensageiro, mas também do comércio) vem alertar para os perigos de se crer cegamente no poder dos astros, e nos signos do Zodíaco, para a previsão do destino de cada um.

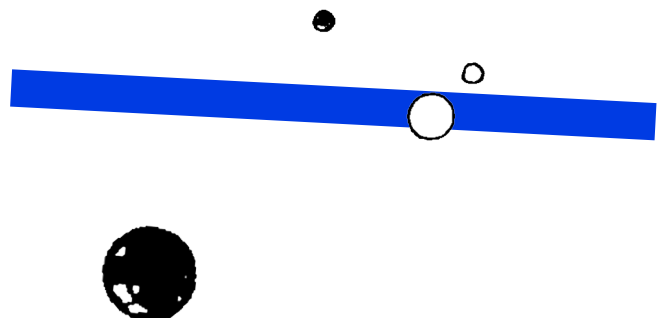
**«Escutae bem, não durmais
Sabereis per conjeituras
Que os corpos celestiais
Não são menos nem são mais
Que suas mesmas granduras.»**

Segue-se a Feira das Graças propriamente dita. A primeira tenda que se instala é a do Tempo e do anjo Serafim para 'vender' Virtudes.

**«A mercadoria damos e razão
Justiça e verdade, a paz desejada,
Porque a Cristandade he toda gastada
Só em serviço da opinião.»**

E a segunda, a do Diabo, para 'vender' Vícios.

**«E estes hão de comprar
Disto que trago a vender
Que são artes de enganar,
E cousas para esquecer
O que devião lembrar.»**



O primeiro comprador, e único, desta feira moral é Roma (ou seja, o próprio Papado), que vem comprar «paz, verdade e fé», admitindo que já antes fez negócio com o Diabo.

Mas, na verdade, nesta feira nada se compra ou vende, tudo se troca pelo que cada um trazer! A segunda parte apresenta-nos dois quadros rústicos de sátira social, pitorescos e mordazes, em que dois casais revelam as dificuldades da vida conjugal.

E por fim, a cena é ocupada por um grupo de jovens que vem à feira para folgar, cantar, dançar e namorar.

Sabemos que a escolha deste texto é arriscada, no sentido de ser uma peça de Gil Vicente menos divulgada, menos estudada no contexto escolar, mesmo fazendo parte do currículo académico do Secundário. No entanto, esta é uma ficção alegórica que nos parece pertinente abordar nos tempos que correm. Também por isso, por via das analogias passíveis de estabelecer com os tempos hodiernos, a nossa escolha foi para A FEIRA.

Acreditamos que, mesmo que os estudantes estejam a analisar, em contexto de sala de aula, o Auto da Barca do Inferno ou a Farsa de Inês Pereira (textos mais recorrentes no ensino), esta FEIRA constitui igualmente uma Moralidade que conduz à reflexão sobre os nossos comportamentos, e uma Farsa que nos diverte com a observação das relações humanas.

Além disso, o projeto que desenvolvemos nesta criação, inclui a escola desde a sua conceção. Das reuniões com o corpo docente da disciplina de Português da Escola Secundária de Paredes e com Nuno Meireles (Doutorado em Materialidades da Literatura pela Universidade de Coimbra, com a Tese “A voz que reescreve: farsas, comédias e moralidades de Gil Vicente lidas com o ouvido em mediação videográfica. Preliminares para um arquivo digital performativo do teatro vicentino”), resultou um dossier pedagógico para ser explorado por docentes e alunos. Apresentamos nesta mesma escola o que apelidamos de Aulas Vicentinas, em que os atores exploram a teatralidade deste texto com os alunos, e ensaios para integrar o Clube de Teatro da Escola Secundária de Paredes no espectáculo (abordagem que pode ser replicada noutros concelhos).

E assim o Teatro continua, como antes, a ser uma tribuna, um veículo para discutir o modo como pensamos e vivemos, e é isso que nos interessa.

Astro Fingido



Nota biográfica de Gil Vicente

2

Sobre Gil Vicente temos algumas certezas e muitas incertezas.

Sabemos que nasceu por volta de 1465-1470, em Guimarães, que casou duas vezes e teve cinco filhos, e que faleceu, provavelmente, na sua quinta em Torres Vedras no final de 1539 ou início de 1540, tendo os seus restos mortais sido trasladados para junto dos da sua esposa, D. Branca Bezerra, na Igreja de S. Francisco de Évora.

Mas quem era Gil Vicente?

A figura de Gil Vicente foi construída, em grande medida, a partir das referências dos seus próprios textos, à falta de fonte mais credível.

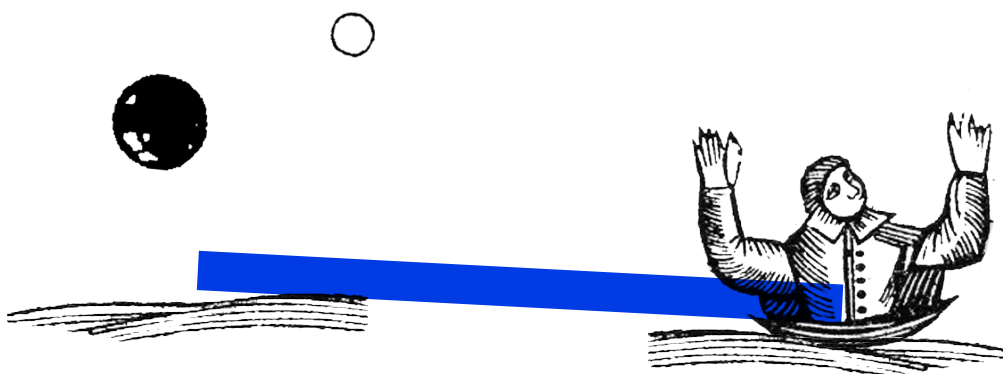
Crê-se ter sido ourives da rainha D. Leonor, tendo sido escolhido para a execução da Custódia de Belém, e depois Mestre da Balança. Esta proximidade da corte terá permitido a Gil Vicente exibir outros dotes. E é aqui que nasce o 'pai do teatro português', enquanto organizador das festas palacianas, com uma primeira apresentação dos 112 versos do *Monólogo do Vaqueiro* ou *Auto da Visitação* em junho de 1502, para comemorar o nascimento do futuro rei D. João III.

A primeira representação agradou tanto à Infanta D. Beatriz, mãe de D. Manuel, que pediu de imediato ao poeta que repetisse a mesma cena pelas matinas do Natal. Como o autor a achava um pouco simples, escreveu outra melhor, para a substituir, com o título *Auto Pastoril Castelhana*, no mesmo ano, onde uma vez mais pôs o seu talento em evidência.

Seguiram-se: o *Auto da Alma*, o *Auto da Índia*, o *Velho da Horta*, o *Auto da Barca do Inferno*, a *Farsa de Inês Pereira*, o *Juiz da Beira*, o *Auto da Feira*, que agora apresentamos, entre outros textos e apresentações, até 1536, com *Floresta de Enganos*. Entre a Idade Média e o Renascimento

Além do homem de teatro, há que admirar a capacidade de Gil Vicente para analisar a sociedade da sua época, com sentido crítico sobre o contexto político-social e ideológico em que viveu. Criticou a política expansionista do seu tempo e a degradação dos costumes, condenou os sermões terríficos que atribuíam catástrofes naturais à ira divina e a perseguição dos judeus, assim como a postura da Igreja, sem, no entanto, colocar em causa a Fé.

Além da obra de Gil Vicente, que traz consigo a alma da época em que viveu, é a sua coragem moral e o questionamento permanente que nos deixou que queremos ressaltar.



Sinopse do *Auto da Feira*

3

Fazer uma sinopse é um bom exercício individual e coletivo. Como havemos de resumir esta peça? Pela sequência, pelos assuntos, pelo contexto? Como verás, é uma tarefa complexa. Dado que é uma feira que nunca se fez, num dia em que nunca há feiras: comprar, vender ou trocar virtudes, truques, mulheres e favores. Tudo isto nos diz que é um único mundo em que vive a fantasia, a mitologia, (e até uma sátira à astrologia), amores e negócios. *Feira* diz-nos que vivemos em várias dimensões. Como resumir?

Tentemos uma sinopse bem curta:

“Peça de teatro feita por Gil Vicente para celebrar o Natal de 1527, que se centra numa Feira imaginária em que vai toda a gente, para vender e para comprar.”

Também podemos fazer a seguinte sinopse, mais descritiva.

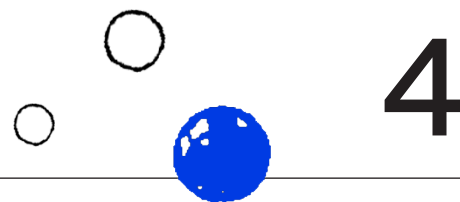
Feira é uma peça de teatro apresentada presumivelmente em 1527, no Natal, à corte de D. João III: auto religioso no seu sentido (valem mais as ações que os bens), com vários episódios e espetacularidade, como a maior parte do teatro que Vicente apresenta na corte desse rei. *Feira* começa com um longo sermão burlesco e com uma ideia, a de Mercúrio, em fazer uma feira de Natal. Virá a personagem Tempo, depois serafins, diabos e pastores, mas também a instituição Roma. *Feira*, assim, situa-se entre risos e reflexões e géneros dramático-literários. Vamos percebendo *Feira* como peça para uma crise (religiosa, internacional) e como uma herança teatral do melhor do teatro ocidental. Não só do sermão, como da alegoria e pastoril, mas Gil Vicente, como Aristófanes antes (muito antes), faz poesia em cena com “uma boa ideia”. Nesta feira há uma multiplicidade de “boas ideias”: para se ter um bom casamento, a solução é trocar de mulher (ou marido). É claro que Vicente nos faz rir com a irrealidade destas boas ideias. Nenhuma funciona. Porque não falar do empreendedorismo a este propósito? O facto de falhar a feira e ninguém (nem um) fazer negócio é muito relevante. Será como se o autor nos dissesse que nada conseguimos a comerciar virtudes. Mas a verdadeira ideia é que para se ser virtuoso a solução é trocar más vidas por virtudes. Vicente acaba em canção, de mãos vazias, mas com fé. Esta fé pode ser agora interpretada de modo lato.

Uma interpretação especialmente estimulante para a escola pode ser: a fé (ou esperança) é o futuro que nos resta.

Nuno Meireles



Perguntas e Respostas



4

Parte I

Auto da Feira: Quando, onde, quem e para quem?

Quando foi feito o *Auto da Feira*?

Começemos pela ocasião. Terá sido nas “matinas do Natal”. Ora bem, representar teatro por altura do Natal era comum na altura de Gil Vicente e foi algo regular na sua carreira. Daqui a pouco falaremos das muitas peças que ele fez representar no Natal. As peças de Natal têm muitas vezes a recriação da visita de Reis Magos ou de pastores (ou ambos) ao lugar de nascimento de Jesus. Gil Vicente começa por fazer autos natalícios desse modo, mas vai mudando. Nesta peça, por exemplo, aparece apenas o nascimento de Jesus na cantiga final. É como se toda a gente preferisse ver algo diferente. Mas repara que vamos ter na mesma uma importância dada ao momento do nascimento de Jesus: a renovação do mundo.

E quanto ao ano?

A única informação que temos acerca da data do *Auto da Feira* vem do texto inicial, antes da entrada da primeira personagem. A esse texto chamamos *rubrica didascálica*, e que diz ter sido apresentado em 1527. Mas esta informação tem sido questionada por historiadores que conhecem as viagens e estadias da família real portuguesa nesses anos. É provável que tenha sido apenas em 1528.

Nenhum dos contemporâneos de Gil Vicente nos deixou testemunhos acerca desta peça (ou de qualquer outra, com exceção de uma breve descrição do festivo de *Cortes de Júpiter* e dos risos e um barrete em *Jubileu de Amores*, que se terá perdido)

Quem representou esta peça?

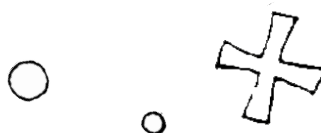
Não sabemos, de facto. É possível terem sido dois grupos de pessoas a representar: pessoas da corte (damas, fidalgos) ou pessoas de alguma corporação, profissão ou ofício (ourives, por exemplo). Seria muito improvável um elenco com pessoas da corte e também com pessoas de ofícios, mas a verdade é que não sabemos. Também não podemos dizer de certeza que o próprio Gil Vicente tenha representado nesta peça, mas podemos imaginar que personagem poderia ter feito. Queres fazer esse exercício? Tem em conta que por esta altura ele já terá uma grande experiência e cerca de 60 anos. E recorda-te que não há atores em companhias profissionais ainda em Portugal.

Para quem se representou o *Auto da Feira*?

Aqui está uma pergunta que precisa de ser respondida de duas maneiras. Para quem se representou é também pensar quem a encomendou ou para quem foi feita a peça. Ora bem, Gil Vicente escrevia e organizava as representações das peças sempre para um momento em particular: um nascimento, casamento, despedida de príncipes, receção da família real, ou Páscoa, Natal. Conhecemos poucos casos em que um texto foi feito sem ser ter sido numa ocasião singular, para entretenimento de um serão, por exemplo, como podemos ver atualmente em algum teatro. Por esse motivo, alguns estudiosos duvidam que as peças fossem apresentadas mais que a vez dessa celebração em especial. Portanto, representa-se sempre para a família real e o resto da corte. *Feira*, finalmente, foi feito para o Rei D. João III, rainha, filhos, damas, fidalgos, responsáveis religiosos e militares... Provavelmente, se esta peça tivesse sido encomendada pelo rei anterior, D. Manuel I, teria saído muito diferente, pois o teatro que Vicente fez para ele era mais religioso, no geral. Deixo-te duas curiosidades, o *Auto da Barca do Inferno* foi feito no reinado de D. Manuel I, e foi para o nascimento de D. João III que Gil Vicente começa a trabalhar como artista teatral para a corte. Não sabemos se antes ele tinha participado em algum espetáculo.

Onde foi representado?

Não havia ainda teatros ou espaços permanentes destinados a peças, em Portugal (ainda que se fale de uma grande sala feita de madeira em Évora, do final do séc. XV). Nesta altura, na verdade, todos os espaços podiam ser de teatro: ruas, adros, interior de igreja, capelas ou câmaras (salas) da Corte. O *Auto da Feira* pode ter sido apresentado no paço da Ribeira, ou numa capela, ou mesmo numa câmara. A da peça espiritualidade fica mais ou menos vincada se for num espaço ou num outro.

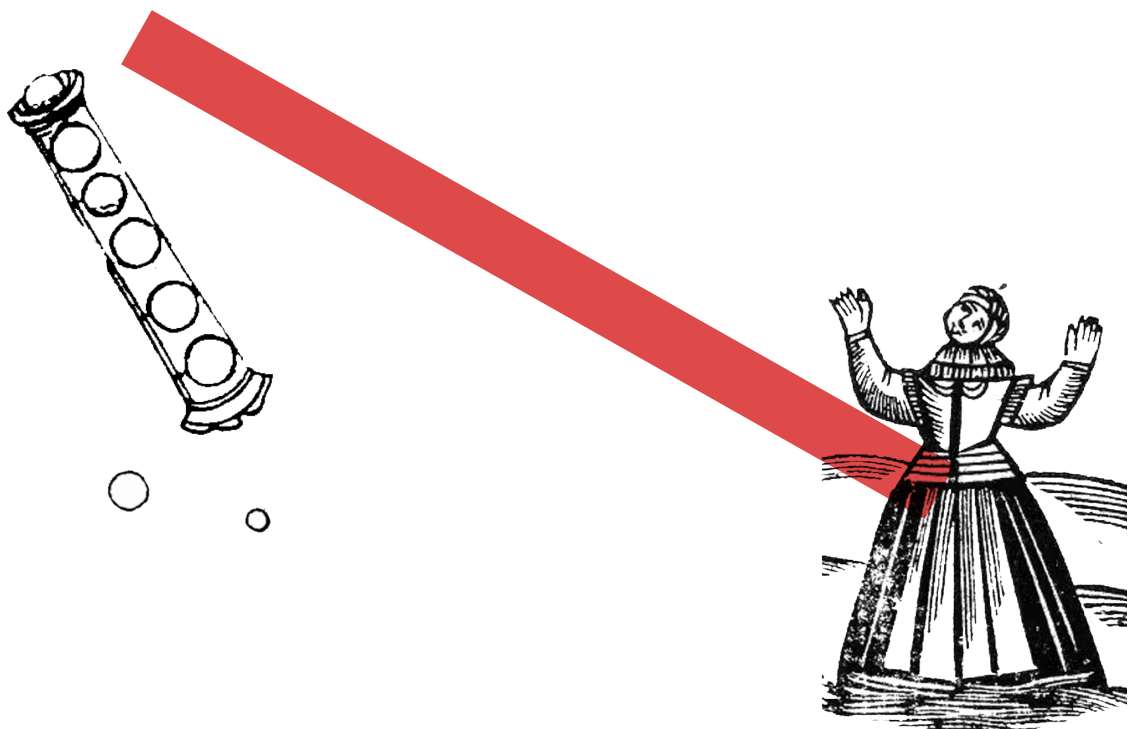


Parte I

Auto da Feira: Quando, onde, quem e para quem?

Quando foi publicado o *Auto da Feira*?

Esta peça só a conhecemos a partir do grande livro que reúne as obras de Gil Vicente, chamado *Copilaçam* (ou *Compilação*). O livro foi publicado em 1562 pelos filhos de Gil Vicente, Luís e Paula Vicente, portanto, cerca de 35 anos depois da sua apresentação. Neste grande livro reúnem-se cerca de 44 textos teatrais de Gil Vicente. Há outros textos (*Farsa de Inês Pereira*, *Barca do Inferno*, por exemplo) que foram publicados em vida de Gil Vicente e apresentam diferenças grandes em relação ao que podemos ler na *Compilação*. Alguns estudiosos acham que os textos foram corrigidos pelos filhos, mas também se pensa que foi o mesmo Gil Vicente que foi reescrevendo as peças que já tinha apresentado, para os melhorar. Hoje em dia, um dramaturgo (autor de peças de teatro ou textos dramáticos) pode publicar as suas obras e depois um grupo representa esta ou aquela. No tempo de Gil Vicente, assim como com Shakespeare, por exemplo, um autor escrevia para ser representado por um grupo que ele coordenava.



Parte II

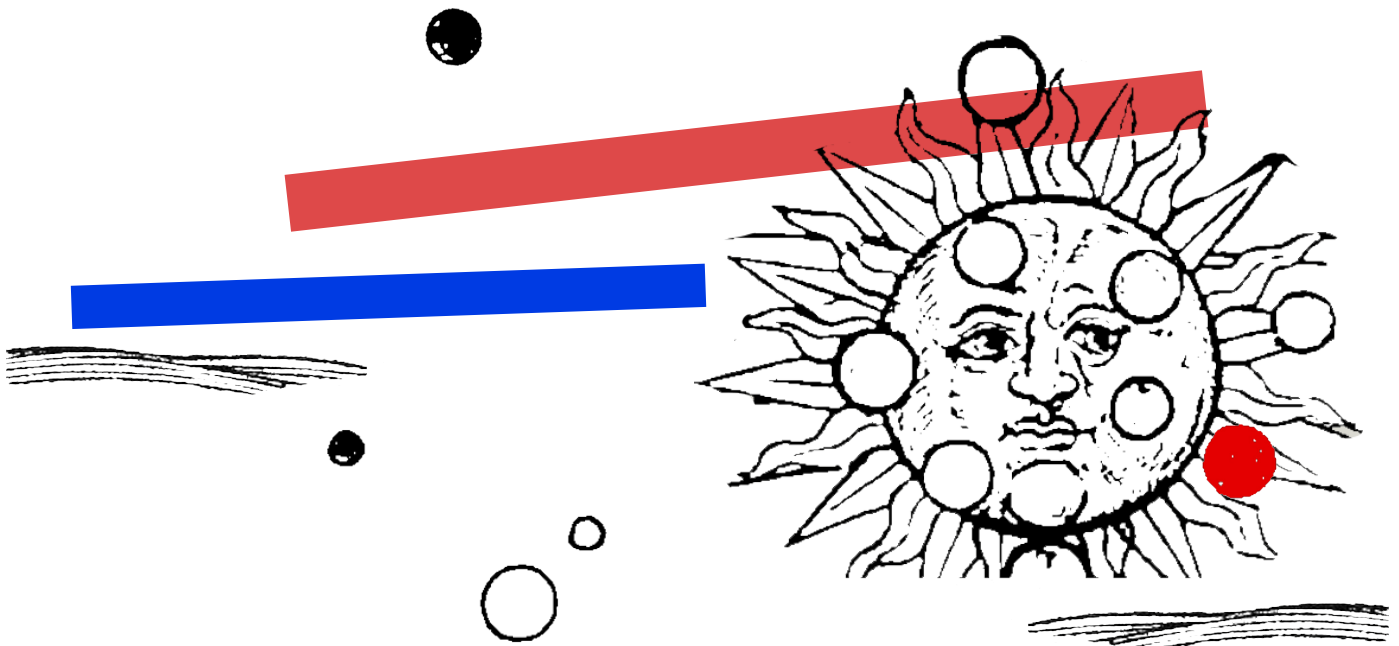
Definição de Auto e Alegoria

O que é um Auto afinal?

Os dramaturgos desta altura usam o termo “auto” para uma variedade grande de teatro. Por exemplo, Gil Vicente tem *Auto da Índia*, *Auto da Fama*, *Auto da Feira*, *Auto Pastoril Castelhana*, *Auto da Alma*, *Auto das Fadas*... “Auto” pode ser entendido como peça, não exatamente peça curta ou peça em um acto, como por vezes se diz. Repara, outro autor quinhentista, António Prestes, tem o *Auto da Ciosa*, com perto de 1600 versos. E António Ribeiro Chiado tem o *Auto das Regateiras*, com quase 1400 versos... Portanto, podemos pensar em auto como peça: *Peça da Índia*, *Peça da Fama*, *Peça da Feira*, *Peça Pastoril Castelhana*, *Peça da Alma*, *Peça das Fadas*... O teatro francês anterior regista *Jeu de la...* Ou seja, *Jogo da/de...*

Podemos passar à peça?

Tens toda a razão. Há tanto de apaixonante neste teatro que podemos passar horas só a falar do seu contexto.



Parte III

Personagens: breve caracterização

A peça começa com Mercúrio. É um planeta? É um deus?

É um deus e um planeta, que vem dos signos, neste caso. *Feira* é uma peça que celebra (mais explicitamente no fim) o nascimento de Jesus, e tem figuras mitológicas de outros universos. Aparecerão mais figuras assim. Nesta peça, como em muitas outras de Vicente, deuses, semideuses, heróis e heroínas greco-romanos aparecem *sempre* para valorizar o cristianismo e a monarquia. Por outras palavras: Vicente coloca todo o tipo de divindades como modo de elogiar a crença cristã e a infalibilidade do Rei. Por exemplo, na *Exortação da Guerra* aparecem vários heróis dos poemas épicos gregos a elogiar a corte portuguesa como mais valente que eles.

Mercúrio faz um sermão?

Sim. Ele diz a certa altura que vai pregar. Podemos encarar este momento como uma paródia bem-disposta de um sermão, como aqueles de rituais cristãos, pregados por um sacerdote. Conhecerás alguns exemplos de sermão de um autor luso-brasileiro que veio mais tarde, Padre António Vieira. Mas isso foi uns séculos mais tarde. Para o público da altura de Gil Vicente, era comum assistirem a caricaturas dramatizadas de sermões, num género a que se chamava *sermão burlesco*. Vicente tem outros sermões assim, como por exemplo no *Auto das Fadas*, em que um frade faz um sermão sobre as mulheres que são demasiado sedutoras (para ele!). Como os sermões têm um tema ou assunto, o tema deste que prega Mercúrio será... a astrologia. Repara no humor de Gil Vicente: coloca um signo a falar de astrologia. E a desmontá-la. Resumimos o que prega Mercúrio: não são os planetas que determinam o que fazemos, ou seja, a astrologia não diz nada de novo. E tudo o que Mercúrio diz em latim não são citações da Bíblia, ao contrário dos sermões religiosos (como também encontras em António Vieira). Todos os exemplos que Mercúrio dá são a evidência mais lógica de que nada pode ser alterado por ação dos planetas ou signos. É toda uma lição de ironia. E aqui temos de recordar a ocasião da peça: Natal. O princípio que responde a tudo.

Mercúrio depois introduz a feira?

Introduz e justifica. É muito comum em Gil Vicente haver personagens que se tornam apresentadores daquilo que vem depois, sejam cenas, ou outras personagens. Neste caso, Mercúrio apresenta-se também a si, como deus do comércio e como *inventor* da feira no dia de Natal. Poderíamos assim justificar, com essa ideia de *autor* da feira, que tivesse sido Gil Vicente a representar Mercúrio. Mas não sabemos, com certeza. O que parece evidente é que Mercúrio fica em cena até ao fim.

Entra depois o Tempo. É uma alegoria?

Sim. Neste contexto, é uma personagem abstrata, um conceito. Não é alguém com uma história de vida (ou um nome próprio, como serão os camponeses na parte final), mas representa uma ideia. Nesta peça haverá mais assim, em particular a personagem de Roma. É interessante vermos como Gil Vicente (e muitos autores do teatro quinhentista e até outros nossos contemporâneos) mistura figuras de mundos diferentes numa mesma sequência. Deuses greco-romanos, conceitos, símbolos, diabos e anjos, camponeses e finalmente Jesus e a Virgem. Certos estudiosos sugerem que Tempo é o mesmo que a Morte.

Entra uma personagem a seguir à outra, desde o início. Esta peça é uma “sequência”?

Pois é. Veremos que esta peça está feita de cenas ou quadros que se sucedem uns aos outros. Como se fossem episódios que se ligam. Como vês, não é uma peça com uma intriga ou um enredo como no *Auto da Índia*, em que tudo se passa num mesmo lugar, com personagens reconhecíveis, com enganos e reações. Era habitual, no teatro deste tempo, haver uma ordenação a que se pode chamar de *proceSSIONal*: como numa procissão (ou um cortejo), vem um grupo ou cena, depois outros. Conhecerás isto no *Auto da Barca do Inferno*. O que os une? O tema e a situação comum. É isso mesmo que vamos ver desenvolver-se a partir da entrada do Tempo: vai haver uma feira especial.



Parte III

Personagens: breve caracterização

Quem vem vender e comprar aqui à feira?

A feira é de Natal. Portanto, será sempre mais espiritual que material, e a brincadeira de Vicente é inverter um contexto de comércio (Mercúrio é deus disso). O que *Feira* que nos diz é que importa mais como agimos do que aquilo que temos. Já no sermão inicial de Mercúrio, é-nos dito que não podemos responsabilizar os signos pelas nossas ações. Encontra grandes semelhanças com o *Auto da Barca do Inferno*, em que as almas dos que morreram ainda querem levar as suas coisas consigo e não se arrependem. Aqui diz-se mesmo que é feira de Virtudes. De qualidades, de princípios. Quem os pode colocar na feira? O Serafim, ou anjo das hierarquias maiores, representante do Céu. Contudo, temos também o diabo que oferece o que lhe pedem, argumenta. É uma justificação verdadeiramente *diabólica*, e muito bem vista: ainda hoje se diz, de muitos serviços, que só se dá o que as pessoas querem. Isto quanto aos “vendedores”. E quanto aos “compradores”? Vejamos um a um.

Entra Roma. É a cidade?

Por um lado, é a cidade onde está o Papa, sede da Igreja Católica. Não seria o mesmo se fosse Pisa, Paris ou Évora. Por outro lado, Roma aqui simboliza a Igreja. Muitos estudiosos dizem que este é o episódio principal do *Auto da Feira*, como se Gil Vicente fizesse a introdução por Mercúrio e os momentos seguintes como “recheio” para a entrada de Roma. A verdade é que não teremos nesta peça mais momentos assim, de um grande símbolo a ser criticado. Gil Vicente é sempre muito exigente no modo como se exerce e encara cargos religiosos. Na peça veremos que Roma se apresenta como alguém que comete pecados e não está numa vida justa. Este momento é forte e importante por duas razões: é o símbolo da Igreja, como dissemos, em primeiro lugar. Vicente já tinha colocado um Papa a ser julgado no *Auto da Barca da Glória*, e a arrepender-se. Mas esta Roma em cena é importante para os espetadores por outra razão: havia sido saqueada recentemente e era disputada por várias razões. Repara que quando Roma entra, canta acerca de três amigos. Esta é uma canção que fala de amores mas também pode falar de vários estados que estão em conflito com o papado, incluindo a Inglaterra de Henrique VIII, rei que queria divorciar-se, o que era difícil. Já voltaremos a este rei.

Regressemos.

Mas Roma, a personagem, como se apresenta?

Arrependida. Entendemos que assume ter agido de modo desviado acerca da sua missão. Se recordarmos o saque, podemos perguntar: teria Gil Vicente dado razão ao ataque? Ou, por outro lado, estaria a humanizá-la, reforçando que era doloroso (e grave) o que se tinha passado? Não o sabemos, e podes escolher um destes lados.

Mas esta argumentação de Roma assemelha-se às críticas de Lutero. Gil Vicente era reformista?

Bem, Gil Vicente não era partidário da Reforma da Igreja do mesmo modo como o foram Martim Lutero, ou Erasmo de Roterdão. Contudo, como disse atrás, era crítico em relação ao modo como se exercia a orientação religiosa e espiritual. Podemos ver, por exemplo, na *Barca do Inferno*, como um clérigo vai para o inferno. Há muitas outras dimensões de doutrina religiosa que para Lutero e Erasmo deveriam ser revistas, e que para Gil Vicente faziam sentido como estavam. A maioria dos estudiosos diz que o nosso autor era crítico, mas não viria a ser luterano ou erasmista.

Continuando. O que se passa depois?

Depois, será como se passássemos para outro mundo. Nota que, com a saída de Roma, deixamos de ter visitantes alegóricos da feira pois vêm dois lavradores. Há aqui uma diferença de universos entre Roma, símbolo e memória de assunto recente, e uns dois lavradores que falam das mulheres e as querem feirar (ou seja, trocar). Contudo, vários estudiosos propõem que este assunto de trocar mulheres é uma representação do caso do rei que referi atrás, Henrique VIII, de Inglaterra.

Parte III Personagens: breve caracterização

Mas é absurdo feirar mulheres, não é?

Sim, claro. Não é obviamente o sentido literal de vender uma pessoa. Gil Vicente é um artista da imaginação e dos recursos estilísticos: é sempre irónico. Quando os lavradores dizem o que querem, percebemos que dariam qualquer coisa para se verem livres das mulheres. Aqui temos o absurdo ou o sem-sentido de colocar mulheres à venda (ou troca), como se fossem cartas. Se recordarmos que o tal Henrique VIII queria divorciar-se temos aqui uma versão satirizada dessa situação. E que resultado tem na peça? Ninguém troca de mulher, afinal. É tão absurdo que nem acontece, parece dizer-nos a cena. No entanto, na realidade do rei inglês, foi outro o resultado: ele desligou-se da Igreja de Roma, fundou a sua própria igreja, divorciou-se como quis e voltou a casar, perto de oito vezes...

Temos ainda o tema do casamento, que Vicente tratou muitas vezes. Já viste que a *Farsa de Inês Pereira* anda à volta de vários casamentos infelizes da protagonista? Esta peça também acaba num sem-sentido, com Inês a ser carregada pelo novo marido como se este fosse um burro.

Gil Vicente mudou totalmente de assunto quando entram os lavradores?

Não propriamente. Mudou de abordagem. Repara que para Roma a feira era metafórica, enquanto para estas personagens, a feira é literal. É de coisas bem materiais, portanto. Quando entram as lavradoras, ao verem que se trata de virtudes, elas dirão muito claramente como é o estado do mundo.

O estado do mundo?

Sim, se o mundo anda bem ou mal. Uma das lavradoras diz claramente que está muito mal. Que a ninguém interessa virtudes ou, como disse atrás, qualidades, bons princípios. Os pastores, lavradores, camponeses, em Gil Vicente são muitas vezes frontais, como vimos agora. Também são literais: uma feira para eles é para vender, fazer negócio. São frontais e inconvenientes. E é cómico o modo como a inconveniência de uma delas põe o diabo a fugir, ao exclamar o nome de Jesus. Talvez Vicente tenha achado que o diabo já não tinha nada que fazer na peça e assim o levava para fora do espetáculo.

Quem vem depois?

Depois vem um conjunto muito grande de pastoras (ou serranas): nove raparigas e três pastores, também jovens. Não temos o diabo e os pastores falarão com o Serafim. Aqui, sem estranhar estar frente a um anjo, aproveitam a ocasião para lhe perguntar sobre Deus, os céus e os santos. Imagina veres um anjo. Depois, como se fosse a coisa mais natural do mundo, pedes informações sobre curiosidades.

Mas os pastores não querem saber da feira, pois não?

Não, de facto. É como se a proposta de se fazer uma feira tivesse acabado. Nesta altura da peça, ninguém até agora vendeu, trocou ou comprou nada, ainda que fosse uma ideia original. Isto lembra outros autores: há séculos havia um autor de comédias chamado Aristófanes (foi na antiga Grécia, no séc. V antes de Cristo) que nas peças propunha soluções para problemas gravíssimos da sociedade da altura: desgovernos ou guerras de décadas. Usava sempre uma ideia fantástica que alguma personagem apresentava. Eram sempre ideias loucas, como voar até ao céu para ir buscar a Paz, ou outras ideias criativas, mas assumidamente impossíveis (para aquela sociedade), como serem as mulheres a governar Atenas. Esse motor da peça, era aquilo a que os estudiosos chamavam *ideia feliz*, da *Comédia Antiga*. No início, neste *Auto da Feira*, Mercúrio ofereceu esta iniciativa, uma *ideia feliz* de fazer uma feira em honra à Virgem e ao nascimento de Jesus. Mas chegamos a este ponto e tudo o que dirão estes doze pastores é desarmante, absurdo. E é como se acabassem com a ideia.

Mas ainda chegam dois fidalgos.

Sim, é verdade.

E querem comprar artigos às serranas, não é?

Sim... e não... Se vires, quando eles pedem isto e aquilo, parecem dizer uma coisa e fazer outra. Que estão a fazer? Provavelmente a tentar chamar a atenção das raparigas. Talvez a seduzi-las. Como quem arranja uma desculpa para meter conversa. Seria como se dois amigos entrassem numa loja para conhecer as raparigas que lá trabalham. E elas vão dizendo que não a tudo.

Parte III Personagens: breve caracterização

Então, elas não queriam fazer negócio?

Uma vez mais, o que vemos nesta peça nunca é exatamente uma feira. Elas não devem querer aquela conversa. E respondem a tudo que não. Isto encerra totalmente a feira.

E o Natal, foi esquecido?

É verdade que a peça festeja o Natal. Encerrar a feira parece ser o pretexto para trazer o assunto de volta a essa ocasião. A canção final é um bonito hino acerca de Maria, com dois coros. A propósito, a parte musical sempre foi muito importante neste teatro. Quem aparecesse e representasse os textos de Gil Vicente, representava, dançava e cantava, ou tocava algum instrumento. De muitas músicas ou canções não temos mais que o texto (a letra) nas peças, mas deste hino há felizmente uma partitura sobrevivente no *Cancioneiro de Paris*. No entanto, não sabemos quem compôs.

Afinal de contas, nesta peça com *Feira* no nome, que se feirou?

Bem, contas feitas... Ninguém fez negócio. Vemos outra vez Gil Vicente a brincar connosco. Vejamos os possíveis clientes: Roma nada levou. Os lavradores queriam trocar as mulheres e as mulheres feirar os maridos, mas nada feito. É todo um negócio que não arrancou. Talvez Gil Vicente não gostasse de negócios tanto como gostava de fazer teatro. E fazer teatro é arranjar significados diferentes para o que conhecemos.

Por fim, porquê fazer *Feira* na Escola?

Esta pergunta merece uma resposta um pouco mais longa.

Feira, como viste, é uma peça que vale a pena fazer e ver e ler na escola. Há um conjunto de questões na peça que estimulam discussão, pensamento reflexivo e crítico acerca do mundo de hoje.

Começemos pelo contexto do teatro vicentino no ensino secundário. Conhecemos bem a ideia da sátira do autor e a sua visão religiosa. Tudo isto é abordado na escola pelas farsas ou moralidades habituais (*Auto da Índia*, *Inês Pereira* ou *Barca do Inferno*). Contudo, vivemos num mundo complexo que precisa de expressões complexas. O *Auto da Feira* é-o. Não sendo uma sátira verosimilhante (que retrata a realidade social de modo convincente) tal como é característico das farsas, também não se afasta da visão retificadora que Vicente tinha acerca da prática religiosa. *Feira* é alegórica como a *Barca do Inferno* e tem elementos farsescos como *Índia* ou *Inês Pereira*. Aparecem pessoas do mundo e figuras que simbolizam entidades, conceitos e instituições. É admirável ver como Vicente coloca as personagens em diálogo, sem que elas se estranhem. Todos vão a essa mesma feira. E essa feira é o mundo.



Sobre a encenação

5

Descobrir Gil Vicente é descobrir o homem atento ao que vai pelo mundo e o seu olhar crítico e corajoso

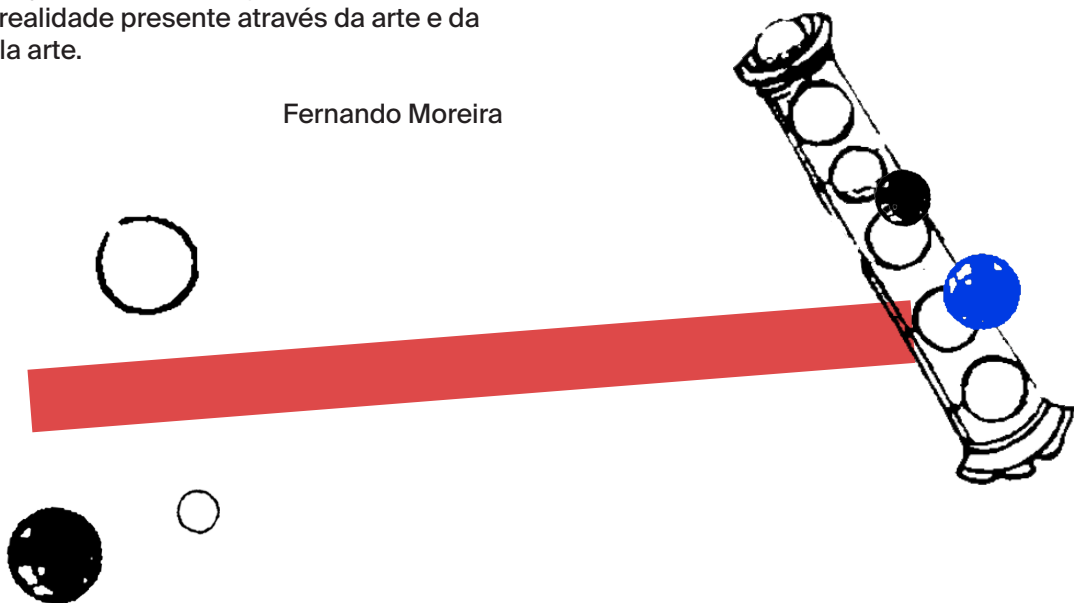
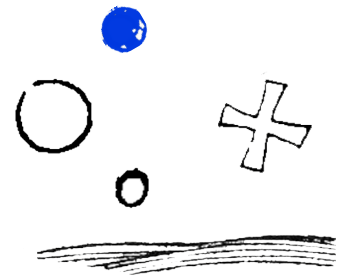
Encenar aqui e agora o Auto da Feira de Gil Vicente é relevante, porque permite refletir sobre questões sociais e morais.

A peça, apesar de ter sido escrita no século XVI, critica a ganância, a hipocrisia e a superficialidade das relações humanas, temas que continuam presentes na sociedade contemporânea. A feira, como espaço simbólico, representa um mundo subversivo, onde tudo parece estar à venda: valores, crenças e até a própria dignidade humana.

Ao trazer estas moralidades para o palco, promove-se uma reflexão crítica sobre o consumismo, a corrupção e a desigualdade social. Além disso, a sátira vicentina, através do humor, aproxima o público jovem e estimula o pensamento crítico sem moralismos rígidos. Num contexto mundial, onde aparentemente vivemos uma crise de valores e um excesso brutal de informação, é cada vez mais de desinformação, a peça convida à autocrítica e à tomada de consciência coletiva.

Esta encenação procura dialogar com temas como o materialismo, a política e a manipulação social, tornando-se uma ferramenta educativa e artística. Assim, revisitar A Feira não é apenas resgatar a tradição literária portuguesa, mas também, questionar a realidade presente através da arte e da educação pela arte.

Fernando Moreira



Sobre a Cenografia e os Figurinos

6

Da primeira conversa com o encenador, F. Moreira, registei o sublinhar de determinadas materialidades: a talha dourada, a evocação da célebre custódia (atribuída a G. Vicente), o colorido das feiras e a madeira.

Como traduzir isto, definitivamente, não optando pela imagem realista de uma feira, seja esta feira, sem dúvida popular. Tão popular como um mercado semanal ou mensal de tendas e banquinhas onde roupa, fruta, legumes ou utensílios vários se podem mercar? Ou mesmo uma espécie de luna-parque cheio de luzes a piscar, algodão doce, balões, reviravoltas de habitáculos e tiros que não acertam em coisa que valha?

Enfim, um qualquer lugar de desejos às *matinas do Natal*.

Por aqui ando:

Uma sucessão de tendas instala um cenário onde as lonas são fieiras de luzes. Assim, mesmo como se fosse o do privilégio do Natal, onde cabem todos os nossos sonhos de coisas e de comportamentos virtuosos para tornar tudo melhor, eventualmente. Insistindo, é Mercúrio que ordena uma feira aqui para todos em geral, debaixo das estrelas do zodíaco e de outras luzes.

Um grupo de maduros impostores — o tempo, a roma, o serafim e o diabo — também eles reluzentes e todos de ouro revestidos; e que o maior condão que têm, além de nos ofuscarem, é nunca ficarem e sempre voarem.

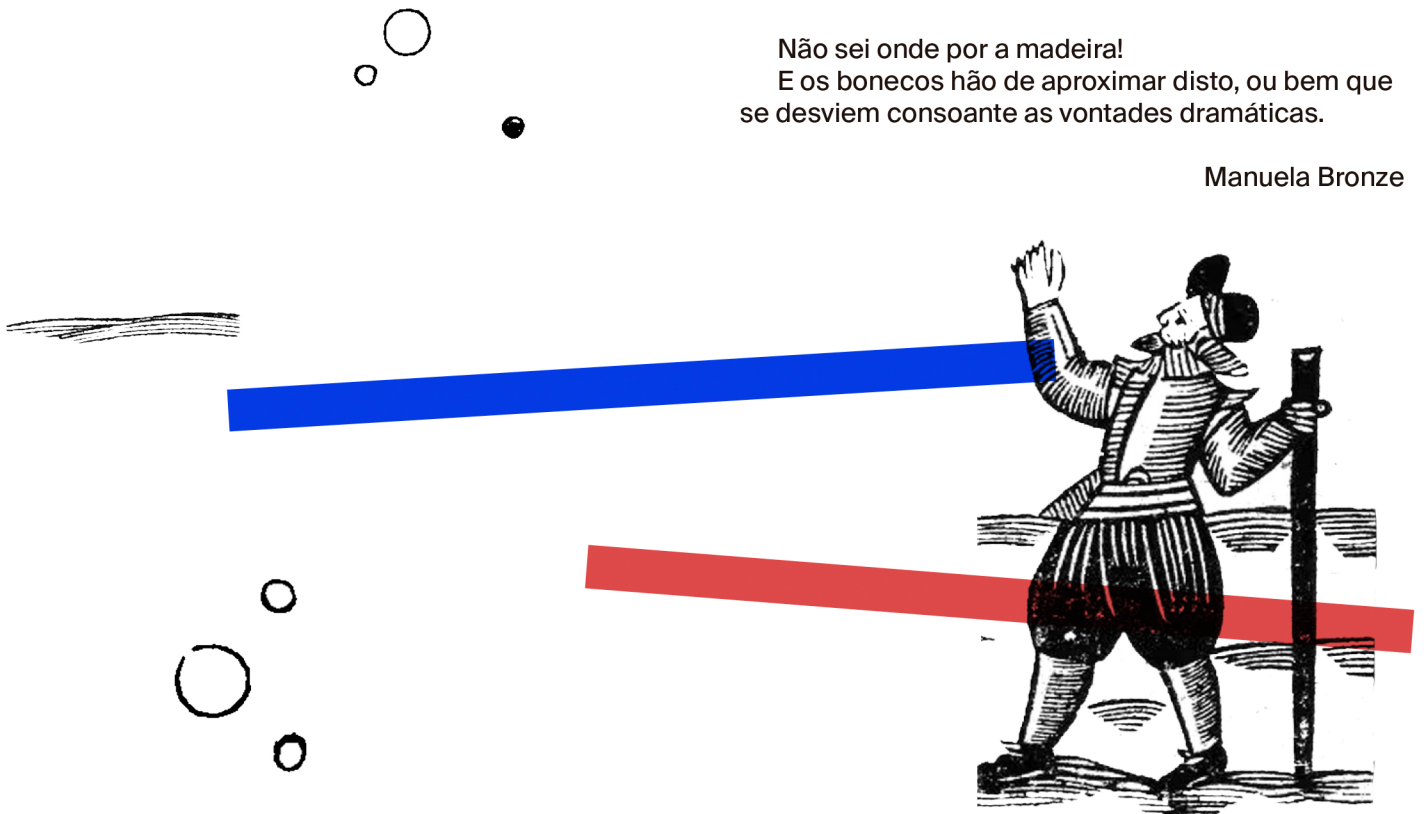
Quando chegam os lavradores e, depois, suas conjugalidades e, a seguir, a rapaziada; sabemos que são nossos vizinhos. Todos desfigurados pelo cansaço e pela desilusão, já trazem sobre os corpos as cores e as coisas da própria feira que ainda querem mercar.

E chegam, e *alevantam-se todas e ordenadas em folia cantaram a cantiga*.

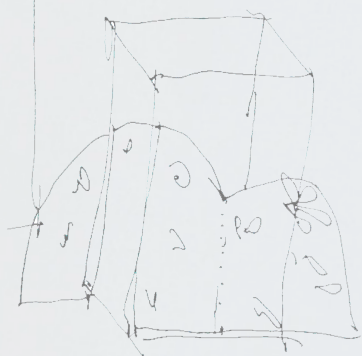
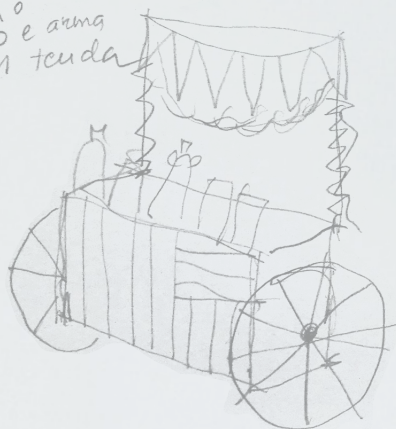
Não sei onde por a madeira!

E os bonecos hão de aproximar disto, ou bem que se desviem consoante as vontades dramáticas.

Manuela Bronze



Febra o
TEMPO e arma
1 teuda





Recursos pedagógicos



7

a. Aulas Vicentinas

Esta criação assume uma clara vertente pedagógica desde a sua conceção.

Uma vez que *A Feira* é um texto pouco abordado no ensino secundário (apesar de integrar a lista de obras e textos para educação literária do 10º ano), além da elaboração deste dossier pedagógico, a Astro Fingido proporciona, como abordagem preparatória complementar ao espectáculo, *aulas vicentinas* no contexto escolar.

Estas Aulas Vicentinas, com os atores que integram o espectáculo *A Feira* da Astro Fingido, decorrem na escola, no contexto das aulas de Português, e têm por objetivo facilitar a apreensão do texto de Gil Vicente durante o espectáculo.

Além da transmissão de um quadro de noções que consideramos fundamentais para a abordagem do teatro vicentino, nomeadamente o contexto espaço-temporal em que o autor viveu, procura-se transmitir a ideia fundamental de que o texto de Gil Vicente (que os alunos leem e estudam nas aulas) ainda não é teatro. Qualquer texto dramático é incompleto, necessitando da cena para se concretizar.

A nossa abordagem não é de reverência ao texto, mas também não o utilizamos como pretexto! A representação teatral é um conjunto de signos de natureza diversa, verbais e não-verbais, articulados entre si. Cada representação nova reconstrói novos referentes para os signos verbais que o texto dramático apresenta. De cada vez que uma companhia de teatro decide levar à cena um mesmo texto, fá-lo-á de modo diferente. A sua abordagem dramatúrgica, ou seja, o pensamento da passagem para o palco das peças de teatro, produz um espectáculo único. Por detrás das personagens não é só o autor que se dirige ao público, mas também o/a encenador/a, o/a cenógrafo/a, o/a figurinista, os intérpretes, o/a desenhador/a de luz, etc. Não podemos ainda esquecer a importância do espectador na construção do sentido da 'nossa' Feira.

Nestas aulas vicentinas, vamos descobrir juntos a teatralidade do texto *A FEIRA* através de alguns excertos da obra.

Astro Fingido



Recursos pedagógicos

7

b. Propostas de trabalho antes e pós-espectáculo

Antes do espectáculo

A desenvolver nas aulas:

- Pesquisar sobre a vida e obra de Gil Vicente;
- Explorar a época em que Gil Vicente viveu, contextualizando-a histórica, política, social e culturalmente;
- Esclarecer os conceitos de *Auto* e de *Alegoria*;
- Leitura da peça em grupo;
- Identificar diferenças e semelhanças entre as obras *Auto da Barca do Inferno* e *Auto da Feira*;
- Demonstrar que o *Auto da Feira* cumpre a missão de fazer crítica religiosa e crítica social.

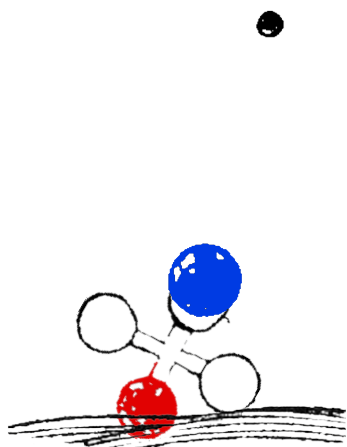
Depois do espectáculo

I. Vimos todos o mesmo espectáculo?

O espectáculo *A Feira* da Astro Fingido é uma interpretação do texto vicentino.

Reflete, com os teus colegas, sobre as expectativas que tinhas depois de ler o texto *A Feira* de Gil Vicente e o espectáculo a que assististe.

O propósito é debater opiniões sobre as diferenças e semelhanças encontradas entre o texto e a representação, nomeadamente sobre as escolhas dramáticas (encenação, interpretação, música, figurinos, cenografia).



II.

A *FEIRA* pode ajudar-nos a refletir, a problematizar e a relacionar diferentes formas de interpretação do real. Em articulação com os conteúdos da disciplina de Filosofia, analisa o sermão burlesco de Mercúrio sobre a importância atribuída aos astros para a ação humana, estabelecendo pontes com a atualidade.

«Muitos presumem saber as operações dos céus e que morte não de morrer e o que há d'acontecer aos anjos e a Deos.»

- Superstições e astrologia influenciam a vida e o destino do Homem?
- Acreditas que existe algo que determina a nossa vida/as nossas ações?
- Serão as nossas ações fruto de determinismo?
- Formular o problema do livre-arbítrio, justificando a sua pertinência filosófica.
- Será o livre-arbítrio uma ilusão?

III.

Nesta Feira das Graças há duas tendas (a do Bem e a do Mal), que nos ajudam a questionar para que servem as virtudes, e entre elas a Verdade.

**«Diabo:
A verdade pera quê?
Cousa que nam aproveita
e avorrece pera que é?»**

- O que é a Verdade? / O que entendes por «Verdade»?
- Qual a utilidade da Verdade?
- Devemos defender / procurar sempre a Verdade?
- Como garantir a Verdade?
- Há limites para a Verdade?
E se a Verdade trazer dor/sofrimento?
- Em que circunstâncias a Mentira é preferível à Verdade?
- O que entendes por Virtude e por Vício?

b. Propostas de trabalho antes e pós-espectáculo

IV.

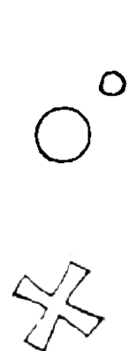
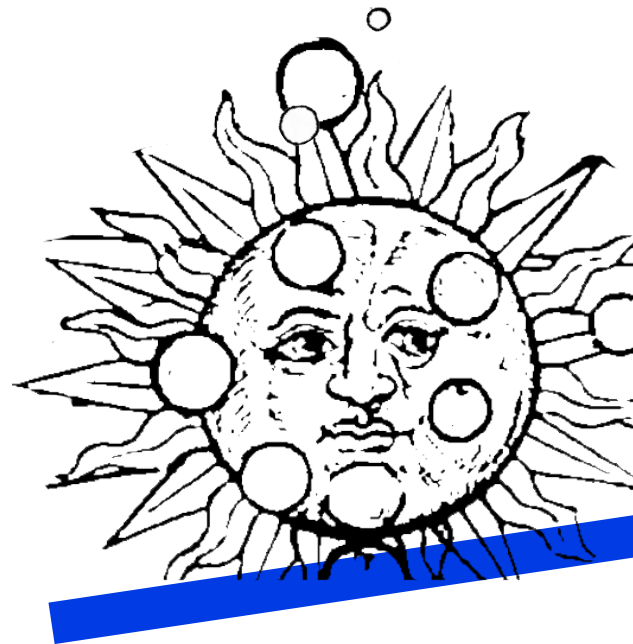
Nesta feira não se vendem bens materiais, como nas outras feiras, mas sim bens espirituais. E os bens espirituais podem ser comprados?

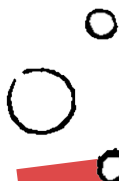
- Constrói uma tabela para registar os valores que surgem ao longo do texto «Auto da Feira», agrupando-os por tipos de valores.
- Constrói a tua pirâmide de valores.
- Compara-a com a pirâmide dos teus colegas.
- Em grupo, estabelece os princípios de uma vida virtuosa.

V.

Quem vem a esta feira, vem procurar o que lhe falta, acreditando que esta aquisição o fará mais feliz.

- Numa sociedade de consumo, como a nossa, apesar de consumirmos cada vez mais e de termos uma vida cada vez mais confortável, não somos mais felizes por isso.
- Porquê ?
- O que te causa insatisfação?
- O que comprarias na Tenda do Tempo?
- Se encontrasses o Serafim, e este te permitisse saber a resposta a uma única pergunta, que perguntarias [a um anjo]?
- E se o tempo andasse para trás? Onde pararias?
- Escreve um pequeno conselho a ti próprio para este ano letivo; fecha-o num envelope e volta a abri-lo apenas no teu último dia de aulas, no 3º período/final do 2º semestre.



**direção artística**

Ângela Marques
Fernando Moreira

texto

Gil Vicente

encenação

Fernando Moreira

assistência de encenação

Emílio Gomes

movimento e coreografias

Andrea Gabilondo

cenografia e figurinos

Manuela Bronze

música

Ricardo Fráguas

desenho de luz

Nuno Almeida

Interpretação

Ângela Marques
Emílio Gomes
Joana Teixeira
João Delgado Lourenço
Tiago Araújo
+
Alunos do Clube de Teatro da Escola Secundária de Paredes

design gráfico

Atelier d'Alves

fotografia de cena

Paulo Pimenta

registo videográfico

José Guilherme Marques

produção

Astro Fingido

financiamento

República Portuguesa
Cultura, Juventude e Desporto /
Direção-Geral das Artes

apoios

Município de Paredes

parceiros

Escola Secundária de Paredes
Escola Dramática e Musical Valboense

edição

Astro Fingido

Coordenação

Ângela Marques

textos

Ângela Marques
Fernando Moreira (Astro Fingido)
e Nuno Meireles

apoio pedagógico

Clara Santos Costa (Astro Fingido)
Goreti Cruz
Maria de La Salette Moreira
Virgínia Correia (Escola Secundária de Paredes)

Astro Fingido

Astro Fingido Associação cultural que, desde 2008, alia a produção de espetáculos de teatro à formação, focando-se na criação de novos públicos. Com atividade baseada entre as cidades do Porto e de Paredes, procura ir ao encontro da realidade circundante, ouvindo as comunidades, inscrevendo a criação artística nas problemáticas que lhes são mais prementes. Interessam-nos as questões sociais, as raízes culturais, a memória imaterial. Nestes 17 anos procuramos refletir sobre o que nos distingue, enquanto estrutura de criação de espetáculos que colocam em evidência o património ou figuras emblemáticas de Paredes (Torre dos Alcoforados, O Português Voador), que revisitam um tempo e um modo de viver que queremos passado (Ciclo da Invisibilidade: Mulheres Móveis e Moço da Cola), que abordam questões socialmente relevantes (Terra Queimada, na prevenção dos fogos rurais, ou Brancas Memórias, para a reflexão sobre a demência na 3ª idade), teatro comunitário (Liberdade, Liberdade, Liberdade e Nós da Madeira, com a comunidade paredense) e outros que vão ao encontro do espectador, em formatos e lugares alternativos (Concertos Falados, Torna-Viagem, O que ficou no MAPPA21 – Mostra de Música, Artes e Património em Paredes). Alguns destes espetáculos foram apresentados apenas localmente, outros percorreram o país de norte a sul (faltam-nos as ilhas!), fazendo-nos perceber a facilidade com que o público, de Bragança a Faro, se identifica com a nossa abordagem do que é viver aqui e agora.

**Contactos****Astro Fingido****Associação Cultural**

Casa da Cultura de Paredes
Av. da República, 207
4580-193 Paredes

NIF: 508 494 052

www.astrofingido.com

Jaqueline Figueiredo

+351 911 141 140 (Rede Móvel)
+351 220 187 660 (Escritório)

Fernando Moreira

+351 914 517 530

Ângela Marques

+351 919 998 920

estrutura financiada por



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

apoio



CÂMARA MUNICIPAL
PAREDES

entidade associada da



companhias
espaços
territórios

parceiro



REPÚBLICA
PORTUGUESA
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E INOVAÇÃO

Escola Secundária
PAREDES



